

RELIGIOSIDADE POPULAR: A FESTA DO DIVINO ESPÍRITO SANTO EM ARAGUAÍNA,
TOCANTINS

Francisco de Assis Cruz da SILVA*

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo apresentar um estudo sobre a religiosidade popular na Festa do Divino Espírito Santo em Araguaína, TO. Primeiramente, será apresentada a história da origem da festa, explicando algumas práticas que fazem parte da sua cultura e religiosidade. Em seguida, será feita uma análise da devoção durante a festa, destacando as diferentes atuações dos devotos e seus significados, assim como as etapas de estruturação de evento religioso. Por último, serão apresentadas justificativas para a diminuição do interesse da população da região pela festa, situação que vem ocorrendo nas últimas décadas.

Palavras-chave: Religiosidade; Devoção; Cristianismo; Catolicismo; Popular.

INTRODUÇÃO

A origem da Festa do Divino Espírito Santo, ligada à história de Portugal, remonta à Idade Média¹, quando a economia feudal baseava-se, principalmente, na agricultura e a Igreja Católica dominava o cenário religioso. Não muito diferente do que é demonstrado nesse tipo de festas, desde a sua origem, já que em Araguaína do Tocantins há muitas comunidades rurais em que a população possui uma ligação muito forte com a religião, principalmente a Católica.

A maneira como a festa é encarada pela comunidade, a união das pessoas em torno da produção e organização dos festejos, a devoção ao Divino e o pensamento de que a preservação da festa é parte da união entre as famílias e as gerações pode ser considerada uma forma de preservação da identidade e da memória da comunidade.

* Pontifícia Universidade Católica de Goiânia-GO

E-mail: fccoassis@yahoo.com.br

¹BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento*. São Paulo: HUCITEC/UNB, 1993. O autor enaltece as características medievais que ainda hoje estão presentes no catolicismo popular. Para os membros da divindade, os dias santos são uma maneira de cultuar Deus por intermédio dos santos, possibilitando a renovação de seus pedidos e promessas.

Muito embora ocorra um movimento de diminuição da presença dos fiéis nas comemorações da Festa do Divino, principalmente nas últimas décadas, ainda assim ela é digna de um estudo proposto neste trabalho.

Para marcar o início ou fim de celebrações importantes, desde a Antiguidade, são realizadas festas que, na maioria das vezes, carregam um caráter religioso. Com o advento do Cristianismo, essas festas ganharam mais significado, uma vez que a Igreja passou a determinar os dias de festas e os tipos de celebrações, separadas em festas com datas fixas – Natal e Reis – e as festas dos santos.

No Brasil, o Catolicismo é marcado por seu caráter de dedicação e de festividade, com símbolos e eventos em devoção aos santos padroeiros. Há uma enorme participação dos fiéis, anualmente, em romarias e procissões, o que caracteriza o cenário das festas religiosas do calendário católico por meio de expressões distintas da cultura e da religiosidade no país.

Existem, no país, muitas localidades consideradas santificadas, com uma diversidade de manifestações religiosas que, por meio de missas, festas, procissões, encenações e romarias, representam grandes espetáculos de devoção, que não se limitam apenas às populações locais. Essas manifestações formam o cenário religioso e cultural do Brasil.

No município de Araguaína, no Tocantins, é possível perceber que ainda se preserva, por meio de práticas religiosas, como a Festa do Divino Santo, a religiosidade como tradição importante do seu patrimônio cultural, pois diferentes pessoas que são identificadas na festa, como os organizadores, participantes ou observadores, ganham destaque, contribuindo com sua identidade festiva e com vários sentimentos e significados.

Mesmo diante dos avanços científicos e tecnológicos que ocorreram nas últimas décadas, as festas religiosas ainda representam grande influência na vida das pessoas, principalmente no interior do país, cuja devoção aos santos católicos ainda é realizada como forma de expressão mais intensa da religiosidade. Nesse sentido, a tradicional Festa do Divino Espírito Santo, realizada anualmente em Araguaína², é uma manifestação religiosa relevante.

²A festa ocorre entre os meses de janeiro e julho.

Para esse trabalho, foram consultados autores que escreveram sobre a cultura da região de Tocantins e de Araguaína e sobre a Festa do Divino Espírito Santo. Foram consultadas pesquisas que relatavam a história da cidade de Araguaína, bem como sobre a relação de seus habitantes com essas festividades.

Em relação às fontes primárias, buscamos nas entrevistas com os devotos do Divino aprofundar nosso estudo. A utilização das fontes orais foi um modo de reconstruir a história da devoção ao Divino na década de 1970 aos nossos dias em Araguaína, uma vez que as fontes escritas são quase inexistentes.

Neste sentido, o processo de desenvolvimento do trabalho foi realizado com os levantamentos bibliográficos, leituras e fichamentos referentes ao tema, problematizado com os depoimentos colhidos. Buscou-se, através dessa análise sistemática, problematizar os fatores que levam a essa prática cultural, tendo em vista os pontos positivos que a devoção ao Divino propiciou ao município de Araguaína e à região Norte do Tocantins.

ORIGEM

A Comemoração do Divino Espírito Santo, como a maior parte das festas populares religiosas, tem origem no catolicismo português. Com relação à Festa do Divino, relatos de estudiosos do campo religioso ao longo da história contam que, no século XIV, durante o período em que Espanha e Portugal guerreavam por quase cem anos, a Rainha Isabel³, esposa de D. Diniz, rei de Portugal, almejando a paz, fizera a promessa de alimentar os famintos e oferecer sua coroa ao Divino Espírito Santo. A graça foi alcançada e a promessa foi cumprida. Desde então, o culto ao Divino passou a ser difundido, principalmente nos países colonizados pelos portugueses, chegando ao Brasil no século XVI.

No Tocantins, fontes históricas⁴ registram a realização dos Festejos do Divino desde 1904⁵. A crença é de que o Divino acaba com as doenças, a fome e a guerra. Esses

³A Festa do Divino Espírito Santo teve sua origem em Portugal, com a construção da Igreja do Espírito Santo, em Alenquer, estabelecida pela Rainha Isabel Aragão, de Portugal, esposa de D. Diniz, no século XIV (LIMA, 1981)

⁴Biblioteca Casa Amarela da Secretaria Estadual de Educação e Cultura do Tocantins –Palmas/TO.

⁵Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN (Escritório Técnico de Natividade/TO).

festejos anunciam a presença do Espírito Santo, que, assim como na história de origem, traz a paz para a Terra.

Dessa forma, essa festa religiosa possui muitos elementos repletos de sentidos, conforme as palavras da senhora Maria Zélia: “que a festa do Divino é o local onde temos total liberdade, claro que com respeito; afogamos a saudade dos amigos, das lembranças do nosso povo que já partiu, aprendemos com as outras pessoas novas experiências; somos todos uma só família”.⁶

A festa permite que a população construa laços e estabeleça momentos de sociabilidade e respeito à fé. Embora tenha diminuído cada vez mais o público, não se pode negar que estas festividades ainda persistem porque ainda há a intenção de valorizar as tradições pelo festejo ao sagrado.

Otávio Barros da Silva (1997, p. 107), na obra *Breve História do Tocantins e de sua gente*, descreve literariamente a festa:

A caixa do Divino não engana ninguém. É som que reboa da quebrada em quebrada, de grotta em grotta. [...] De casa em casa, de fazenda em fazenda, a bandeira do Divino vai sendo beijada, de joelho, numa contrição impressionante, quando se ouve a cantoria do vaquejador e pasto da porta. A expectativa era grande dos capiaus e agregados. A tarde ia se fechando na sepultura do horizonte, quando ecoou ao longe, no travessão do mato, o batido de um tambor. Uma voz do oitão da casa gritou: É a folia! E os foguetes estrondearam no ar, com as roqueiras. E os foliões adentraram a curralama e saíram do pátio, onde entoaram o canto nostálgico. [...] Neste ponto da cantoria, o alferes entregou ao coronel a bandeira do Divino, e os foliões entraram na casa, cantando ao som das violas e pandeiros. Ao término da ritualística do canto foi servido a jantarola aos foliões, num banquete animado, à tripa forra, de grande fartura: leitosa assada, cozidão, baião-de-dois, arroz Maria Izabel e carne-de-sol, de braseiro. O garrafão de cachaça passava de mão em mão. E ao final, depois de servido o doce de buriti, os foliões entoaram junto à mesa do jantar o bendito de agradecimento. [...] O varandão, após a ladainha das rezas, se transformou num palco de alegria, com a catira improvisada dos foliões e de um arrasta-pé, ao som transloucado das violas, dos pandeiros e uma oito-baixos do sanfoneiro Manuel Torrado. O tangerino, Zé Capivara, de camoeca, arrastou Joana Purribão e corcoveou sacudido, arrojando o buriti, ao compasso do forró.⁷

A Folia do Divino é composta por um grupo de homens, popularmente conhecidos como foliões, que possuem papéis distintos dentro da festa: eles tocam diversos instrumentos musicais, sendo os cantadores chamados de guia e contraguia; há também o violeiro, que toca a viola, o caixeiro (que toca a caixa); os arreiros, responsáveis pela arriação, e o alferes, responsável pelo grupo, variando o número de participantes.

⁶Depoimento da senhora Maria Zélia Moura da Silva, Araguaína, 20 de agosto de 2012.

⁷A descrição do espaço e dos acontecimentos é feita com uma linguagem regional. Observa-se que o autor reelabora as particularidades da paisagem e dos sujeitos sociais em uma linguagem literária, expressando e ao mesmo tempo desenhando o sertão tocantinense.

Normalmente uma folia é composta por dois violeiros, um caixeiro e três ou quatro arrieiros e os foliões cantadores, que variam em número, dependendo do encarregado da folia.

Os foliões representam os papéis de representantes do Divino Espírito Santo e dos apóstolos de Jesus Cristo, e eles têm a missão de pregar o evangelho (SANTOS, 2002). Cabe ressaltar que, durante os dias da folia, há algumas exigências para os foliões, dentre elas a abstinência sexual. Se, por qualquer motivo que seja, um folião deixar de obedecer às normas, poderá ser penalizado com algum tipo de castigo divino.

Não se pode deixar de destacar que a festa do Divino possui vários elementos. Um desses elementos são os milagres e as promessas à graça recebida, que são devidamente comprovados pelos participantes da festa. Por exemplo, algumas mulheres acompanham o giro da folia, na condição de pagadoras de promessas, o que dá mais significado à festa, já que as promessas ainda são uma prática importante da religiosidade popular.

Dona Maria José Costa e Josefa Nunes de Souza⁸, de Araguaína, revelam que, além dos motivadores elencados, cresceram ouvindo falar no Divino: “Ele nos ajuda nos momentos mais difíceis. Sempre tivemos essa fé no Divino. Trazemos essa fé dentro da gente. As nossas famílias, quando nós nos entendemos, já foi vendo elas seguindo o Divino”. Pierre Sanchis (1993, p. 132) aponta que:

[...] a promessa é uma relação estabelecida entre a condição humana concreta e um invólucro de santidade que a rodeia. Faz parte de uma visão de mundo dentro da qual constitui um modo de comunicação essencial. Por isso mesmo ela aproxima-se do sacrifício, ao mesmo tempo que se insere no quadro de uma economia, a de troca. [...]. Graças a estas trocas recorrentes, estabelece-se uma solidariedade entre duas sociedades, a humana e a divina [...]. Em troca, ganha-se uma certeza de proteção, uma presença do sagrado que acompanhará o desenrolar do cotidiano da sua existência⁹.

Há elementos na Festa do Divino que remetem a crenças muito importantes para os foliões, principalmente porque estão amplamente relacionados às suas crenças religiosas. Dentre elas a esperança em um novo tempo, em que os homens serão verdadeiramente irmãos.

⁸Depoimento da senhora Maria José Costa e Josefa Nunes de Souza, Araguaína, 19 de agosto de 2012.

⁹BOURDIEU, Pierre. *Economia das trocas simbólicas*. Tradução: Sérgio Miceli. São Paulo: Perspectiva, 1998. No contexto religioso do “toma-lá-da-cá”, Bourdier demonstra que a religião popular não se preocupa com a salvação eterna; ela busca a realização das múltiplas – mesmo que modestas – exigências da vida cotidiana.

A fé no Divino é a fonte de toda a virtude e sabedoria. Guiados pela fé, os homens devem buscar a solidariedade e a caridade, privilegiando os mais pobres. Todas as ofensas devem ser perdoadas para que se possa receber o Divino Espírito Santo. Conforme podemos perceber no já citado relato da senhora Maria Raimunda Nunes de Souza sobre “a saudade dos amigos” e dos que já partiram e o aprendizado de novas experiências.¹⁰

PERSONAGENS

A Festa do Divino Espírito Santo tem vários personagens que possuem significados interessantes relacionados à sua origem. Ainda assim, essa representação¹¹ continua bem atual. O Imperador é o principal personagem da Festa do Divino, já que cabe a ele organizar o festejo e conduzir o povo (os súditos) para acompanhar as celebrações.

De acordo com a história, a Rainha Isabel de Portugal, no final do século XIII, por volta de 1296, convidou o clero, a nobreza e o povo para assistirem à Missa de Pentecostes (LIMA, 1981). Foi escolhido o mais pobre para sentar-se no trono do rei. Antes de ocupar o lugar, o pobre se ajoelhou e um bispo colocou em sua cabeça a coroa real, enquanto o povo saudava aquela cena. Depois da missa, foi oferecido um bom almoço a todos, servido pela rainha e pelos nobres. Nos anos seguintes, foram feitas coroas iguais à do rei para que fossem distribuídas aos pobres, em cerimônia semelhante à que já havia ocorrido.

Essa representação, que se repete a cada ano, possui ainda o mesmo significado de que alguém, escolhido no meio do povo, merece ser o imperador. Qualquer um, por mais simples que seja, pode ser o escolhido pelo Divino Espírito Santo para liderar uma comunidade em busca de uma vida melhor e até mais justa, sempre voltada para os ensinamentos cristãos.

É interessante perceber que essa filosofia ultrapassa os limites da festa do Divino, uma vez que, sempre observando os ideários religiosos, pessoas que têm uma vida

¹⁰Maria Raimunda Nunes de Souza, Araguaína, dia 19 de agosto de 2012. Representante do grupo do Divino Espírito Santo da comunidade de Araguaína-TO. Segundo ela, para os devotos são minutos afetuosos, horas de completa união, onde todos se sentem uma só família, onde de alguma forma acabam tendo um elo de ligação entre si.

¹¹PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História e história cultural*. São Paulo: Autêntica, 2008. Para a historiadora, todo tipo de narrativa pode ser lida culturalmente além das formas, sendo que o leitor pode participar da construção de seu sentido. Tal argumento acabou englobando até mesmo as narrativas do passado como representações, sendo a história cultural uma representação que resgata representações, que se incumbe de construir uma representação sobre o já representado.

humilde e voltada para os ensinamentos de Deus podem conduzir outras pessoas a uma convivência fraternal. Além disso, ser escolhido como Imperador da Festa faz com que o devoto tenha destaque diante dos foliões, mesmo que essa importância ocorra apenas durante os festejos. Ainda assim, diante dos olhos de Deus, essa pessoa é especial.

Outro personagem importante na comemoração é o Alferes da Bandeira, que possui a responsabilidade de conduzir a bandeira do Divino, fazendo com que ela percorra as casas e os lugares possíveis para que ela possa dar a bênção às famílias visitadas. É também função do Alferes recolher donativos para a festa em nome do Divino.

Até as décadas de 70 e 80, essa arreadação não ajudava apenas nos custos da festa; parte dela era distribuída, como comida ou em dinheiro a pessoas menos favorecidas da região. Afinal, não se pode esquecer que parte das doações era feita pelos senhores mais abastados da localidade (ABREU, 1999).

Atualmente, com o afastamento dos festejos de grande parte da população, principalmente a mais favorecida economicamente, os donativos diminuíram muito, servindo apenas para custear, precariamente, a festa.

O Capitão de Mastro é o responsável para levantar o mastro, gesto que representa o início as festividades. Além disso, o Capitão do Mastro tem a incumbência de organizar a procissão em honra do Divino Espírito Santo.

Por fim, o Juiz da Matina é o encarregado de convidar o povo, logo ao raiar do dia, para a Festa. Por isso, sua principal função é fazer a 'alvorada' festiva no alvorecer do dia festivo, convidando o povo para homenagear o Divino.

Mesmo com as mudanças que ocorreram na festa desde o seu auge nos anos 70 e 80, é inegável perceber que, mesmo com o esvaziamento gradativo nas comemorações, ainda há, para quem participa, a valorização dos dogmas cristãos e o comprometimento com os preceitos divinos.

A FÉ PRESENTE NOS SÍMBOLOS

Existe na folia um conjunto de objetos que têm significados diretamente ligados à fé: os símbolos (BOURDIEU, 2005). Os símbolos são instrumentos por excelência da integração social enquanto instrumentos do conhecimento e de comunicação. Eles tornam possível o consenso acerca do sentido do mundo social.

A *Coroa* e o *Cetro* são os símbolos mais importantes do Divino Espírito Santo (ELIADE, 1991)¹². Têm o lugar central em todo o culto. Durante o ano, esses objetos circulam entre as casas dos irmãos. Ficam em local de destaque nas residências para que os moradores rezem para o Espírito Santo diante delas.

A *bandeira*: no centro da bandeira é bordada uma pomba branca. A bandeira acompanha a coroa e está sempre presente na folia. É um privilégio para o folião carregar a bandeira durante os festejos.

O *Hino do Espírito Santo* é cantado durante as coroações.

As *Varas*: o imperador entrega esses objetos para alguns foliões, que ficam com a responsabilidade de manter a ordem no cortejo.

O *cortejo*: durante os festejos, as coroas são transportadas para a Igreja, fazendo-se no final da missa a coroação. Depois de coroado, o imperador vai para sua casa acompanhado de um cortejo de fiéis que oram e cantam em homenagem ao Espírito Santo.

A *coroação*: feita após o término da missa, coroando o imperador.

Os *Foliões*: os foliões do Divino participam da preparação da festa, visitando as casas da localidade, cantando os feitos e os poderes do Divino Espírito Santo, recolhendo donativos e marcando os rituais da distribuição.

A DEVOÇÃO

A devoção, pensando no sentimento puramente religioso, de consagração e dedicação aos atributos do Divino, possui um caráter íntimo e individual. Mas, para o devoto, isso é pouco: ele precisa externar toda essa fé. Por isso que, no espaço público das ruas, essa veneração fica mais evidente. Assim, a Festa do Divino é uma manifestação coletiva.

Clarice Barbosa de Souza, nossa depoente, salienta a importância dessas práticas de devoção popular presentes na festa do Divino:

Não sei viver se não tiver ao lado do Divino, porque eu considero ele como se fosse meu pai, minha mãe, mesmo que meus pais já tenham morrido. Meu irmão, meu marido, meu amigo,

¹² Eliade diz que o símbolo revela certos aspectos da realidade – os mais profundos – que desafiam qualquer outro meio de conhecimento. Os símbolos jamais desaparecem da “atualidade” podendo mudar de aspecto, mas com a função de permanecer os mesmos.

as pessoas queridas estão na festa todos os anos. Para mim é um reencontro com o meu povo e um com a minha história, é um encontro coletivo que acontece todos anos. Por isso, mesmo não tendo a importância para o povo de hoje, eu ainda continuo fazendo para que não esqueçam de onde eu vim.¹³

A Festa do Divino em Araguaína promove, ao longo das décadas, a sociabilidade e a identidade de um determinado grupo social, seja urbano ou rural, dando a ele uma importância única, mesmo que momentânea. Ao representar personagens significativos da História, esse grupo social consegue romper com o ritmo regular do cotidiano, e, em um determinado período do ano, essa parcela da população terá destaque.

Mas também outra questão envolve a devoção quando nos referimos à Festa do Divino Espírito Santo. Ao mesmo tempo em que celebra a vida, de acordo com as orientações religiosas, a festa homenageia os mortos, muitas vezes referindo-se a eles com saudade, esperando que estejam no Paraíso sob a graça divina. Assim, na mesma manifestação, há a presença da vida e da morte, como acontece no cotidiano de todos os fiéis.

Nas festas do Divino Espírito Santo estão presentes, portanto, o sagrado e o profano, uma vez que devotos pagam suas promessas, fazem doações, rezam, demonstrando sua ampla devoção. No entanto, não deixam de se divertir nas festas, em que há danças, em alguns casos, bebidas e outras atrações.

Em Araguaína, as Folias do Divino comandam o peditório, conduzem o cortejo, entram na igreja tocando e cantando, cedem a autorização para que o padre comece a missa e, muitas vezes, fazem até a coroação. Depois de todo esse processo, têm início as danças e as outras atrações.

AS COMEMORAÇÕES NA DÉCADA DE 70

Tanto em Araguaína, como em diversas cidades do Brasil, a década de 70 pode ser considerada como o período de maior destaque das manifestações religiosas, principalmente daquelas que atraí a maior quantidade da população. Nesse período, havia não só mais envolvimento da comunidade nos eventos, como existia mais proximidade com a fé religiosa.

¹³Depoimento da Senhora Clarice Barbosa de Souza, Araguaína, 14 de agosto de 2012.

Atualmente, as comemorações são feitas em pequenos grupos, que apenas fazem a reza. Não há mais as festividades que homenageavam o Divino Espírito Santo. A partir de 1990, período em que os políticos da região que fomentavam o apoio à festa deixaram de fazê-lo, ela vem perdendo visibilidade na comunidade. Também os participantes, que há duas décadas depositavam a fé no Divino, não o fazem mais. Evadiram-se dessa devoção, segundo a responsável pelo grupo, Dona Josefa Nunes de Souza:

Antigamente, a minha casa ficava cheia de gente, Não cabia as pessoas que participavam. Vinha até um deputado que trazia televisão e filmava tudo do começo ao fim da festa. Hoje dificilmente saio para cantar nas casas para arrecadar donativos porque as pessoas chegam a bater a porta na cara da gente. Era bonito demais antigamente. Hoje me sinto humilhada porque não posso mais, ninguém quer mais.¹⁴

A entrevistada descreve uma situação que a cada dia vem sendo mais perceptível para a sociedade: a origem da devoção está na promessa e hoje as pessoas estão buscando outras formas de resolver os seus problemas. Décadas atrás, um doente era levado à benzedeira; hoje, é levado ao médico e esse é um processo que acontece naturalmente.

Miranda (2002) assinala que o modo de conduzir os problemas muda ao longo do tempo, pois os interesses e a forma de solucioná-los se transformam de um período para o outro. Essa mudança de atitude e de práticas é vista com naturalidade. Também Braudel (1968) escreve que a mentalidade está em constante transformação, o que permite à devoção popular agregar espontaneamente novos valores presentes em cada temporalidade. Ambos os argumentos são percebidos pelos devotos do Divino Espírito Santo, quando notam diferentes formas de as gerações de 1970 a 2012 se referirem ao Divino Espírito Santo.

Nesse mesmo caminho, ainda nos fala dona Lazara Martins:

As gerações do passado conheciam a festa, as famílias tinham a preocupação de passar de família para família, de pais pra filho essa devoção, hoje em dia agente não ver jovem participar, ninguém quer saber mas, são poucas as pessoas que continua participando e na maioria pessoas velhas, essa juventude de agora se perguntar pra eles, se sabem o que é o Divino, eles dizem que não conhecem¹⁵.

Esse cenário ocorre, principalmente, devido ao fato de que, desde meados dos anos de 1990, houve alterações significativas na postura espiritual da população araguainense

¹⁴ Depoimento da senhora Josefa Nunes de Souza, Araguaína, dia 24 de agosto de 2012.

¹⁵ Depoimento da senhora Lázara Martins, Araguaína, dia 24 de agosto de 2012

e em suas crenças, o que afeta diretamente a relação dos devotos com o Divino. Os valores espirituais, as percepções, ou seja, os olhares não são mais os mesmos comparado às manifestações religiosas tradicionais da década de 70 e 80, haja vista que, a vida urbana está em permanente mobilidade, mutação e transformação, características do pós-modernismo. A mudança não é apenas de lugar geográfico e social, mas também do ser e do agir do ser humano. Nasce outro mundo com cultura secularizada¹⁶, suscitando modelos de vida que resistem ao espírito do religioso. A sociedade urbana secularizada, com seu discurso e com seus sacerdotes ascéticos¹⁷, põe a crença religiosa diante de novo tempo e nova realidade que desconcertam seu pensar e seu agir, os quais desejam sobreviver, talvez dentro de novo abrigo.

A descaracterização da identidade das festividades religiosas do Divino Espírito Santo, no contexto da religiosidade popular no espaço urbano da cidade de Araguaína do Tocantins, ocorreu a partir da década de 80 a 90, quando começou a ficar mais notória a diminuição dos devotos. Essa situação parece se dever, principalmente, ao desenvolvimento humano global nos aspectos social, cultural e econômico-científico urbano, forçando a mudança de mentalidade dessa população que passa a exprimi-la de forma contraditória. Segundo Brandão (1981, p. 107):

Sair da roça e vir para a cidade significa para o migrante sair de um mundo de relações camponesas insustentáveis ou escapar de um mundo de relações capitalistas agrárias indesejáveis. Para a cultura popular significa o risco de transplantar, para uma outra conjuntura, aquilo que muitas vezes só sobrevive sem perdas na rede de trocas e de significados que, entre outras coisas, precisou criar a dança, os versos e os gestos, para explicar-se a si própria.

Neste mesmo caminho, quando a cidade invade a roça, expulsando-a de sua territorialidade, o espaço permanece o mesmo, mas a temporalidade transformada e o desenvolvimento forçado da região entram em choque com a tradição campesina que, até

¹⁶ O termo secularização foi aplicado a um movimento surgido na Europa do século XIX, durante o qual as propriedades eclesíásticas foram confiscadas e secularizadas, na maioria das vezes pelo Estado. No século XX, o termo se ampliou, indicando a exclusão da religião, especialmente da religião organizada em todos os níveis de influência política e social. Com o evidente abandono da religião, o secularismo deu origem a religiões seculares. Outra consequência foi o impulso às religiões evangélicas não organizadas e às seitas que proclamam a auto realização. O ponto central do secularismo é a libertação, ou seja, autonomia da pessoa humana. Esta autonomia leva ao individualismo da pessoa.

¹⁷ Foi Nietzsche também quem cunhou o termo “sacerdotes ascéticos” para designar intelectuais (jornalistas, escritores, filósofos) fracassados ou amargos, cuja insatisfação pessoal levá-los-ia às suas vocações como militantes políticos e revolucionários.

o momento, retroalimentava-se de suas culturas mesmas ou pouco sofria com as interferências dos visitantes externos (OLIVEIRA, 2010).

O cotidiano em uma sociedade urbana, diferentemente do que acontece na sociedade rural, é mais dinâmico. Há muitas atividades que precisam ser feitas ao longo do dia. As pessoas deixam de se relacionar umas com as outras, como acontece no campo. As pessoas não se conhecem. Os avanços tecnológicos contribuem para que haja menos interação e colaboração entre as pessoas. Muitos dos preceitos religiosos, como fraternidade, irmandade e doação deixam de ter importância na sociedade atual. Dessa forma, a religião é desacreditada, deixando de ter importância para as pessoas.

Essa realidade ocorre não apenas na região abordada por esse estudo, mas em todo o país. O distanciamento que presenciamos de manifestações que representam a história e a cultura da população está cada vez mais presente ao longo das últimas décadas. Analisando a fala da senhora Maria José Costa, devota há trinta anos, isso se comprova: “Essa confraternização entre os diversos grupos não acontece mais. Cada grupo comemora em sua comunidade com os poucos devotos que ainda existem. Não há mais o entusiasmo que instigava as pessoas a se unirem em torno do Divino, entre os diversos setores da cidade”¹⁸.

Além disso, o poder público, representado principalmente pelas prefeituras das localidades, não fomentam mais o desenvolvimento da festa, tampouco faz a sua divulgação, pois não há retorno financeiro. Ou seja, não é um investimento rentável, muito menos interessante.

Sabemos que as devoções e festas trazem, para a atualidade, um tempo mítico e o devoto, quando participa desses eventos, tenta recriar o ambiente original. Ou seja, as manifestações religiosas, em especial a Festa do Divino, não significam apenas a comemoração de um acontecimento importante ligado à religião. Na realidade, elas trazem em si uma forma de reviver uma situação importante que pode trazer uma purificação a quem participa dessa recriação.

Ainda assim, a festa é repetida todos os anos, mas não é imóvel e nem imutável. E a mesma passa por uma adaptação, que segue as mudanças da sociedade. Dentre essas mudanças, encontramos a diminuição do interesse da população em relação aos temas

¹⁸ Depoimento da senhora Maria José Costa, Araguaína, 20 de agosto de 2012.

religiosos. Esse afastamento é justificável pelo distanciamento das últimas gerações tem dado à Festa do Divino, muito diferente que acontecia até os anos 70 e 80.

A FESTA ATUALMENTE

Como se sabe, a socialização é responsável pelo processo de assimilação do indivíduo aos grupos sociais. Dessa forma, esse indivíduo apreende os fundamentos do ambiente sociocultural em que está inserido, para que, assim, possa conviver com esse ambiente.

Esse processo é claramente percebido na Festa do Divino Espírito Santo em Araguaína. Os rituais da festa são passados de geração para geração, principalmente entre as famílias. As gerações mais velhas das famílias passam para as mais novas o conhecimento dos rituais da festa, e assim por diante. Esse contexto confirma o que diz Bourdon e Bourricaud (1993, p. 241): “a família é para muitos de nossos contemporâneos um lugar de contatos e de interações”. Assim, é possível perceber que os participantes das famílias são protagonistas importantes da festa. Dessa forma, eles também são responsáveis pela transmissão dos valores morais, religiosos, afetivos e, principalmente, tradicionais relacionados às festividades do Divino.

Todo esse aprendizado que ocorre dentro do meio familiar é transmitido para a comunidade. Durante os preparativos para a festa, todos sabem quais são seus papéis dentro do ritual e têm a noção do que se espera de cada um deles. É nesse contexto que a Festa do Divino constitui-se em um evento que mantém a tradição religiosa da região, uma vez que ela pode ser considerada como um culto coletivo da cidade de Araguaína.

Segundo Brandão (1978, p. 67):

A festa é um compromisso coletivo da cidade para com o Divino. Ela é ao mesmo tempo: a) uma coleção de rituais de prestação de homenagens coletivas ao santo; b) uma situação propiciadora de efetivas relações simbólicas (missas, novenas, procissões) de fiéis, com o Divino; c) uma sucessão de momentos historicizados em que pela ordem em que processam os acontecimentos festivos confirma-se a presença sobrenatural do Espírito Santo em favor da comunidade.

O ritual da alimentação coletiva, em que há a distribuição de comidas para os membros da comunidade, pode ser considerado uma forma de socialização. Os alimentos

oferecidos como pagamento a uma promessa aproximam as pessoas do Divino. De acordo com Durkheim (1993 apud SEGALEN, 2002, p. 24):

O essencial é que haja indivíduos reunidos, que sentimentos comuns sejam experimentados e expressos em atos comuns. Tudo nos leva então à mesma ideia. Os ritos são, antes de tudo, os meios pelos quais o grupo social se reafirma periodicamente.

Além do ritual da alimentação, as orações e as músicas também cumprem o papel de proporcionar a coletividade, unindo as diferentes gerações em busca do mesmo ideal e reforçando a comunhão entre familiares e comunidade. Assim, ainda segundo Durkheim (1996, p. 42): “Os cultos positivos estão ligados às festas: associam comunhão através da ingestão de alimentos sagrados e oblações (gestos e oferendas). Os cultos positivos são cultos periódicos, pois o ritmo que expressa a vida religiosa expressa o ritmo da vida social”.

É fato que a essência da festa do Divino Espírito Santo é trazer a fraternidade e a igualdade entre os membros da comunidade de Araguaína. A distribuição de alimentos, principalmente entre os mais carentes, ocorre desde a origem da festa. Participa dessa distribuição a maior parte dos setores da comunidade: a Igreja, os comerciantes, os agricultores, a elite, o que caracteriza, além do aspecto de socialização, o tom democrático da festa, porém, esta socialização e participação dos diversos seguimentos da sociedade em geral, principalmente a Igreja, não se vê na atual realidade.

A festa do Divino em Araguaína que começava a ser organizada no final do Carnaval, agora tem início no término dos cinquenta dias depois da Páscoa, praticamente nos dias que acontece o evento. Mesmo assim, durante esse período quaresmal, ocorrem visitas nas casas, a elaboração e confecção das bandeiras e vestimentas. É um momento de entusiasmo entre a população religiosa que acredita que, por meio da intervenção do Divino, será possível realizar os seus pedidos. E para aqueles que alcançaram as graças é o momento de agradecê-las. E essa crença em que o Divino Espírito sempre será um auxiliador é um dos motivos que fazem com que a maior parte da população participe tão intensamente dos festejos. Segundo Brandão (1978, p. 65):

Confirma-se que as pessoas do lugar possuem uma acentuada “crença no poder do Espírito Santo”. Por esta razão, ele é coletivamente festejado através da combinação de modos diversos de culto e homenagem – tanto religiosos, quanto profanos – através dos quais a população local comemora sua crença e “seu santo”: pagando votos feitos ao Divino e homenageando o Espírito Santo.

A Festa do Divino Espírito Santo em Araguaína desperta sentimentos distintos na comunidade: para os religiosos, ela representa a fé e a ajuda para os excluídos; para os grupos um pouco mais distantes da religião, ela representa um momento de inserção social. Assim, é possível concluir que a Festa é uma mistura de sagrado e profano.

Como também é considerado um lazer, ela é um grande evento para o pequeno grupo de frequentadores e devotos no município. No entanto, a falta de divulgação do evento, principalmente pelos seus próprios participantes pode estar corroborando para o não envolvimento de outros seguidores. Historiadores, antropólogos e administradores regionais ainda discutem sobre o tema, sem chegar a uma solução. Mas é preciso avaliar que, com o crescimento das áreas urbanas da região de Araguaína, a continuidade da tradição popular pode estar ameaçada pela indústria e, principalmente, pela tecnologia. Investimentos no turismo, por exemplo, podem ajudar na manutenção dessa tradição.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A religião está presente no cotidiano da sociedade brasileira, principalmente nos estados do Nordeste e Centro-Oeste. Muito disso ocorre por causa das tradições que existem e persistem nessas regiões. A festa do Divino Espírito Santo é um dos melhores representantes dessa realidade. Embora o progresso da região e o pouco investimento angariado ocasionem uma espécie de esvaziamento da manifestação, não há um desejo nas famílias de passar para seus filhos essa tradição, pois os mesmos não querem acompanhar seus pais nas folias.

Até meados dos anos 70, a festa do Divino Espírito Santo em Araguaína era considerada uma festa rural, já que os fiéis que dela participavam vinham dessa camada da sociedade, uma vez que as atividades no campo eram predominantes na época. No entanto, Araguaína transformou-se e desenvolveu-se, nas últimas décadas, deixando de ser uma sociedade apenas rural.

As festas religiosas acompanham as mudanças na sociedade, e principalmente, os seus valores. Há, ao longo dos anos, novos significados, perdas, mudanças e incorporações de novos elementos, que, efetivamente, transformaram a Festa do Divino Espírito Santo.

RELIGIOSITY POPULAR: THE FEAST OF THE HOLY SPIRIT IN DIVINE ARAGUAINA
TOCANTINS

ABSTRACT

This paper aims to present a study of popular religion in the Feast of the Holy Spirit in Araguaína. First, you will see the history of the origin of the festival, explaining some practices that are part of their culture and religion. Then there will be an analysis of devotion during the party, highlighting the different performances of the devotees and their meanings, as well as the steps of structuring religious event. Finally, will be presented justifications for the declining interest of the people of the region for the party, a situation that has occurred in recent decades.

Keywords: religion; devotion; Christianity; Catholicism; popular.

REFERÊNCIAS

ABREU, Martha. *O império do Divino: festas religiosas e cultura popular no Rio de Janeiro, 1830-1900*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; São Paulo: Fapesp, 1999.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

BOURDON, Raymond; BOURRICAUD, Francois. *Dicionário Crítico de Sociologia*. São Paulo: Ática, 1993.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *O Divino, o Santo e a Senhora*. Rio de Janeiro: FUNARTE, 1978.

_____. *Sacerdotes de viola: rituais religiosos do catolicismo popular em São Paulo e Minas Gerais*. Petrópolis: Vozes, 1981.

BRAUDEL, Fernand. Longa duración. In: _____. *La história y las ciências sociales*. Madri: Alianza, 1968. p. 66.

DURKHEIM, Emile. *As formas elementares de vida religiosa*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

ELIADE, Mircea. *Imagens e Símbolos*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

_____. *O sagrado e o profano: a essência das religiões*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

LIMA, Carlos de. *Festa do Divino Espírito Santo em Alcântara (Maranhão)*. Departamento de Cultura do Estado, São Luís, 1981.

MIRANDA, Carmelia Aparecida Silva. *Um olhar sobre a festa da Marujada em Jacobina*. 2002. Monografia (Especialização em História Social) – UNITINS, Porto Nacional, 2002.

OLIVEIRA, Frederico Salomé. O catolicismo rústico ganha uma cidade nova: A Festa do Divino da Comunidade Canela, Antes e Depois de Palmas/TO. In: ENCONTRO DE ESTUDOS MULTIDISCIPLINARES EM CULTURA, 5., 2010, Salvador. *Anais...* Salvador, mai. 2010. Disponível em: <<http://www.cult.ufba.br/wordpress/24418.pdf>>. Acesso: 04 out. 2013.

SANCHIS, Pierre. *Fiéis e Cidadãos: percursos de sincretismo no Brasil*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1993.

SANTOS, Altina Ferreira, dos. *A festa do Divino Espírito Santo na cidade de Porto Nacional TO*. Monografia (Especialização em História Social). UNITINS, Porto Nacional, 2002.

SEGALEN, M. *Ritos e Rituais Contemporâneos*. Rio de Janeiro: FGV, 2002.

SILVA, Otávio Barros da. *Breve História do Tocantins e de Sua Gente: uma luta secular*. Araguaína: Federação das Indústrias do Estado do Tocantins; Brasília: Solo Editores, 1997.